

Grave minhas palavras: Esau McCaulley é a mente teológica mais brilhante desta era. *Uma leitura negra* é um oásis no atual deserto acadêmico cristão. Como professor, não vejo a hora de colocá-lo na lista de leitura dos alunos e, como pastor, não vejo a hora de usá-lo para discipulado. O estudante negro da Bíblia sabe instintivamente do risco inerente dos exageros mentirosos e dos percalços culturais na intersecção de nossa raça com a leitura das Escrituras. Nesta obra, encontramos uma nova luz para não nos desviarmos do caminho.

Charlie Dates, pastor titular da Progressive Baptist Church, Chicago

Como nos Estados Unidos, carregamos no Brasil a terrível herança social e psicológica da escravidão negra, mas a leitura bíblica evangélica, nos dois países, negou o problema ou ofereceu respostas muito tímidas a esse desafio. Líderes se fecharam para a questão racial, ao vê-la monopolizada por ativistas desinteressados pela ortodoxia cristã. O dilema na mente de muitos é claro: como ser fiel às Escrituras e ao espírito da fé evangélica e, ao mesmo tempo, responder a esse desafio contemporâneo? Esau McCaulley é um presente de Jesus para sua igreja. Com erudição, piedade e fidelidade evangélica, ele mostra que não há dilema algum: a Bíblia tem uma voz poderosa contra a injustiça, pela libertação e pela esperança. *Uma leitura negra* é um bálsamo para a teologia evangélica contemporânea.

Guilherme de Carvalho, diretor do L'Abri Fellowship Brasil e pastor da Igreja Esperança, em Belo Horizonte

Antes de este livro chegar às minhas mãos, não sei se tinha consciência do quanto precisava dele. *Uma leitura negra* é acadêmico, mas acessível, e comunica o que muitos cristãos negros têm dito há décadas. Todos fariam bem em prestar atenção para que não percam Deus ao longo do caminho.

Jackie Hill-Perry, autora de *Garota gay, bom Deus*

O livro que você tem em mãos é um marco significativo para a teologia na temática de tensão e injustiça racial. Uma obra profundamente bíblica e socialmente honesta, uma resposta ao vácuo de boas literaturas, feitas por cristãos bíblicos, no combate às injustiças que existem neste mundo que jaz no maligno. Esau McCaulley merece ser conhecido e ouvido pela igreja

brasileira. Que este livro guie o leitor para mais perto de Jesus, como certamente fez comigo.

Jacira Monteiro, membro fundador do Projeto Agostinhas

Finalmente publicado no Brasil, *Uma leitura negra* seria, à primeira vista, um livro de interesse de pessoas negras e cristãs. Na verdade, é bem mais que isso. É uma obra fundamental para entender a ideologia escravista, suas consequências no mundo de hoje, e o quanto a mensagem das Sagradas Escrituras e do evangelho foi manipulada e distorcida para justificar a opressão, a morte e o sacrifício de milhões de negros escravizados. Mais do que um ajuste de contas com o passado, o livro oferece a oportunidade de remissão e de reencontro dessa mensagem com as necessidades mais profundas de amor, acolhimento e misericórdia. Leitura obrigatória para todos os brasileiros, independentemente da cor da pele e de suas origens étnicas e culturais.

Laurentino Gomes, jornalista e escritor

Sou extremamente grato por ter em minha época uma voz que fale com nuance, graça e consciência cultural. Esau nos deu uma combinação saudável para entender teologia e negritude. Leitura essencial!

Lecrae, artista de *hip-hop*

Precisamos ouvir com urgência a voz de Esau McCaulley. Este livro é profético, bíblico, sábio, comedido, amistoso e argumentado com grande habilidade — e, por isso, exerce forte impacto. Uma mensagem poderosa para nossos tempos.

N. T. Wright, professor sênior e pesquisador em Wycliffe Hall, Oxford

Esau McCaulley assevera corretamente que interpretar a Bíblia com excelência não significa abandonar a própria etnia. Antes, devemos ler a partir de onde nos encontramos e, ao mesmo tempo, permitir que a Bíblia amplie nossos horizontes. Este é um livro que merece a atenção de pastores e estudiosos afro-americanos. Aliás, é um livro sobre o qual líderes de igrejas de todas as raças devem refletir.

Oswaldo Padilla, professor de teologia da Beeson Divinity School

Uma leitura negra, de Esau McCaulley, é mais que bem-vindo à nossa realidade brasileira. Sem diminuir a autoridade das Escrituras, pelo contrário,

Esau McCaulley nos leva em uma jornada rica de redescoberta e afirmação da verdade de que toda teologia é contextual, e que é exatamente em nossos diferentes contextos que Deus e sua Palavra se encontram com a humanidade e nos redimem.

Ricardo Wesley M. Borges, membro do International Fellowship of Evangelical Students (IFES)

Uma leitura negra deixa evidente como as Escrituras, corretamente interpretadas, são fonte de justiça e libertação para os negros, e como a crença ortodoxa na autoridade da Bíblia reforça a dignidade e o desenvolvimento dos negros de nosso país. Teologicamente profundo, mas extremamente acessível, Esau McCaulley tece com maestria uma densa e bela tapeçaria de narrativa pessoal, considerações sobre a igreja negra e a cultura americana, e exegese minuciosa. Não consigo pensar em um livro mais relevante, premente, proveitoso e esperançoso que este para nosso momento contemporâneo.

Tish Harrison Warren, ministra anglicana e autora de *Liturgia do ordinário*

Desafiador e consolador. Foi o sentimento que nutriu meu coração ao concluir este *Uma leitura negra*. McCaulley é profundamente profético e bíblico ao propor a cruz de Cristo como única resposta possível para o sofrimento e as injustiças que o racismo impõe ao negro. Como cristão, negro e africano residente no Brasil, creio que este é um livro necessário e urgente para aprimorar e estimular o diálogo sobre o assunto nesta pátria cuja ferida deixada pelo racismo ainda continua aberta.

Tomás Camba, escritor, ensaísta, professor de filosofia e teologia

À medida que a comunidade evangélica amplia sua presença numérica no Brasil e assume, como parte de sua vocação, um testemunho público que, para além de seus objetivos de propagação da fé, resulte em um aporte cultural significativo, ela terá de interagir os elementos fundamentais de sua fé com as tensões de entorno. Este livro traz uma contribuição fundamental para este momento, aprofundando nossa capacidade de diálogo, ampliando nossa escuta e corrigindo nossas perspectivas. Leia-o com a disposição de mudar, e prepare-se para se surpreender.

Ziel J. O. Machado, pastor metodista e vice-reitor do Seminário Servo de Cristo

UMA LEITURA NEGRA

Interpretação bíblica como exercício de esperança



ESAU McCAULLEY

Traduzido por Susana Klassen



Copyright © 2020 por Esau McCaulley
Publicado originalmente por InterVarsity Press, Downers Grove,
Illinois, EUA.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House Foundation, salvo as seguintes indicações: *Almeida Revista e Atualizada*, 2ª ed. (RA), da Sociedade Bíblica Brasileira; e *Nova Versão Internacional* (NVI), da Bíblia Internacional.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M429L

McCaulley, Esau

Uma leitura negra : interpretação bíblica como exercício de esperança / Esau McCaulley ; tradução Susana Klassen. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2021.

Tradução de: Reading while black
ISBN 978-65-5988-009-6

1. Negros - Religião. 2. Cristianismo. 3. Bíblia - Leitura. 4. Negros - Aspectos sociais. 5. Vida cristã. I. Klassen, Susana. II. Título.

21-71162

CDD: 305.896
CDU: 316.347:27-23

Edição

Daniel Faria

Revisão

Natália Custódio

Produção e diagramação

Felipe Marques

Colaboração

Ana Luiza Ferreira

Adaptação de capa

Ricardo Shoji

Publicado no Brasil com todos os
direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Teologia

1ª edição: setembro de 2021

ESTE LIVRO É DEDICADO À MEMÓRIA DE

Esau McCaulley Sr., meu pai,
que morreu antes de poder ver impressa
uma obra com nosso nome.
Não importa o que mais eu seja,
sempre serei seu filho.

Sumário

Agradecimentos	11
1. O sul tem algo a dizer	13
<i>Criando espaço para a interpretação eclesialística negra</i>	
2. Liberdade é ausência de medo	33
<i>O Novo Testamento e uma teologia do policiamento</i>	
3. Pés cansados, alma revigorada	53
<i>O Novo Testamento e o testemunho político da igreja</i>	
4. Uma leitura negra	75
<i>A Bíblia e a busca por justiça</i>	
5. Orgulho de ser negro	97
<i>A Bíblia e a identidade negra</i>	
6. O que fazer com essa fúria?	117
<i>A Bíblia e a ira dos negros</i>	
7. A liberdade dos escravos	135
<i>O triunfo de Pennington</i>	
Conclusão: <i>Um exercício de esperança</i>	159
Material adicional: <i>Notas sobre o desenvolvimento da interpretação eclesialística negra</i>	163
Guia para discussão	177
Bibliografia	179
Índice de autores	189

Agradecimentos

Este livro não teria sido possível sem a ajuda de amigos, familiares e colegas.

Sou grato a minha mãe, Laurie, por nos arrastar para a igreja mesmo quando não queríamos ir e por instilar em nós esperança dada por Deus de coisas melhores. Este livro é tão seu quanto meu. Agradeço a minhas irmãs Latasha e Marketha e a meu irmão Brandon por me amarem mesmo quando não fui amável.

A minha esposa, Mandy, sou grato por tudo.

Para Luke, Clare, Peter e Miriam, desejo que, quando as coisas ficarem difíceis, vocês se lembrem de ler os textos do Antigo e do Novo Testamento e encontrem neles fonte de esperança, como fizeram nossos antepassados. Se algum dia vocês esquecerem o que é esperança, desejo que este livro lhes sirva de guia.

Agradeço a Lisa Fields do projeto Jude 3 por me lembrar da comunidade pela qual sou responsável. Sou grato a Tish Harrison Warren por me recordar de que escrever pode e deve ser algo lindo. Meus agradecimentos a Charlie Dates por dar exemplo de como devem ser a pregação e o pastoreio fiéis em uma igreja negra, e a Justin Giboney da AND Campaign por me trazer à memória que ainda é possível defender a justiça com dedicação.

Sou grato a N. T. Wright por acreditar em mim como aluno de doutorado e por me incentivar a encontrar meu próprio caminho no meio acadêmico.

Meus agradecimentos aos professores, funcionários e alunos do North-eastern Seminary e agora do Wheaton College pelo incentivo e pelas conversas ao longo da jornada.

Agradeço a Anna Gissing e à equipe da InterVarsity Press por acreditarem na importância deste projeto. Anna, você merece uma medalha por todos os textos, telefonemas e *e-mails* que recebeu. Vou me sair melhor da próxima vez. (Provavelmente, não.)

O sul tem algo a dizer

Criando espaço para a interpretação eclesiástica negra

Continuamos a pregar porque temos o mesmo tipo de fé mencionada nas Escrituras: “Cri em Deus, por isso falei”.

2CORÍNTIOS 4.13

É tipo assim. [...] Tô cansado das pessoas de mente fechada.

Você me entende, né? É como se a gente tivesse gravado uma fita e ninguém quisesse ouvir. Mas é o seguinte.

O sul tem algo a dizer.

ANDRÉ 3000

Minha mãe fez o melhor que pôde para instilar o evangelho em seus filhos. Era fácil saber onde os McCaulleys estavam quase todos os domingos: compactamente enfileirados no banco habitual na Igreja Batista Primitiva Union Hill, em Huntsville, Alabama, das dez da manhã até o Espírito terminar sua obra. Sempre havia a possibilidade, contudo, de minha mãe estar cansada demais depois do trabalho na montadora Chrysler para arrastar quatro filhos insubordinados até a casa do Senhor. Para incentivar esse cansaço a realizar *sua* obra, ficávamos em absoluto silêncio, cada um em seu quarto, na esperança de que ela não acordasse. O sinal de que nosso plano havia falhado era o som de Mahalia Jackson no rádio. Quando Mahalia começava a cantar “Amazing Grace”, sabíamos que nossa pequena conspiração tinha ido ralo abaixo.

Nossa casa vivia envolta em música *gospel*. Além de Mahalia, não faltavam canções de Shirley Caesar dizendo para alguém impedi-la de fazer uma bobagem ou de James Cleveland lembrando-nos de que ele nunca se

cansava. Não obstante nossa rebeldia contra as melodias *gospel*, elas enchiam nosso lar e formaram nossa imaginação.

A segunda testemunha constante das esperanças e dos sonhos dos quatro filhos era a enorme Bíblia King James que morava em uma prateleira na sala de estar. Sua função era mais de talismã que de livro para leitura. Sempre que minha mãe queria extrair de nós uma confissão, fazia-nos colocar a mão sobre essa Bíblia e declarar que tínhamos dito a verdade. Só o mais descarado pecador contaria uma mentira na presença de mamãe, de Jesus e do rei James. Também assistíamos a desenhos animados cristãos (*Superbook*), frequentávamos os estudos bíblicos durante a semana e todas as Escolas Bíblicas de Férias possíveis e imagináveis. Para onde nos voltávamos, víamos as Escrituras.

Ao mesmo tempo, contudo, eu era filho do ambiente em que vivia. Era um menino negro sulista, do estado de Alabama, que amava *hip-hop*. Assim que minha mãe fazia uma pausa nas canções da Mahalia, eu ligava meu som. OutKast, Goodie Mob e os baixos de Miami trovejavam no Oldsmobile Delta 1988 que eu dirigia para a escola e para festas na região noroeste de Huntsville. O *hip-hop* também me ajudava a interpretar o mundo que parecia ter o pé firmemente plantado no pescoço dos habitantes de pele escura de minha cidade.

Em resumo, eu conhecia o Senhor e a cultura. Ambos travavam uma batalha infundável por minhas afeições. Eu amava *hip-hop* porque havia momentos em que os cantores pareciam verdadeiramente compreender como era vivenciar a mistura inebriante de perigo, drama e tentação que caracterizava a vida dos negros no sul. Falavam de drogas, violência, interações com a polícia, e até de Deus. Seu principal objetivo não era oferecer soluções, mas refletir sobre a realidade que lhes havia sido imposta. E, no entanto, eu também amava as canções *gospel* de minha mãe, pois me enchiam de esperança e me ligavam a algo antigo e imutável. Enquanto o *hip-hop* tinha uma tendência niilista e uma ética utilitarista (é assim que as coisas são, e temos de fazer o que é necessário para sobreviver), as músicas de mamãe, arraigadas em textos e ideias da Bíblia, ofereciam um vislumbre de algo maior, mais amplo. A luta à qual me refiro não era entre gêneros musicais. Era uma luta entre niilismo negro e esperança negra. Refiro-me às maneiras pelas quais a tradição cristã luta pela esperança e cria espaço para ela em um mundo que nos atrai para o desespero. Proponho que um

elemento fundamental dessa luta por esperança em nossa comunidade é a prática da leitura e da interpretação bíblica provenientes da igreja negra, o que chamo interpretação eclesialística negra.

A década de 1990 foi controversa no *hip-hop*, uma época de guerra entre a costa leste e a costa oeste. Uma gravadora chamada Death Row, especializada em *gangster rap* que descrevia a vida nas ruas da Califórnia, era o expoente do oeste. A gravadora Bad Boy Records, na costa leste, representava uma tradição que valorizava a aptidão lírica e a celebração da cultura negra. O cerne de seu conflito era a natureza da música *rap*. Qual era a postura, o tom, o enfoque correto?

A hostilidade crescente chegou ao ápice em 1995, no segundo prêmio anual *Source*. Esse evento comemorativo era promovido por uma revista que servia de árbitro na cultura *hip-hop* daquela década. Em 1995, a entrega do prêmio foi realizada em Nova York. A maioria, portanto, era a favor de tudo o que dizia respeito à costa leste. Quando um artista do oeste vencia em alguma das categorias, era vaiado em volume máximo. Por fim, chegou a vez de entregar o prêmio ao melhor artista revelação. O vencedor não era da costa leste, nem da costa oeste. O prêmio foi para OutKast, uma dupla do sul, sem vínculos com qualquer um dos lados. Mas, naquela conjuntura, uma vez que os integrantes não eram do leste, também foram alvo de zombaria em um momento que deveria ter sido de vitória.

Em resposta a esse acontecimento, André 3000, o membro mais esquisitão da dupla, se pronunciou diante da multidão com as palavras que aparecem na epígrafe deste capítulo:

É tipo assim. [...] Tô cansado das pessoas de mente fechada. Você me entende, né? É como se a gente tivesse gravado uma fita e ninguém quisesse ouvir. Mas é o seguinte. O sul tem algo a dizer.¹

André declarou que não pediria desculpas por ser do sul, ser negro e ser diferente. Reconheceu o valor daquilo que o oeste e o leste tinham a oferecer para a cultura, mas o sul era um terceiro elemento digno de respeito por si mesmo. A pressão e as críticas daquela ocasião não derrubaram os membros do OutKast. Levaram-nos de volta ao estúdio. O resultado foi um

¹Essa história é relatada em *ATL: The Untold Story of Atlanta's Rise in the Rap Game*, um documentário do canal VH1 lançado em 2014.

álbum chamado *Aquemini*, considerado um dos álbuns de *hip-hop* mais influentes de todos os tempos. É, até hoje, um conjunto de músicas estranhas, assumidamente do sul, mas também influenciadas por elementos do leste e do oeste. Livres das restrições impostas pela lealdade a um dos lados, os membros do OutKast encontraram espaço para ser criativos. Penso que os intérpretes eclesiásticos negros precisam de liberdade para ser *Aquemini*, algo diferente e verdadeiramente nosso.

A que me refiro quando falo de intérpretes eclesiásticos negros? Tenho em mente estudiosos e pastores negros formados pela fé presente nas declarações, nos sermões, no testemunho público e no éthos fundamentais e contínuos da igreja negra. Por diversos motivos, essa tradição eclesiástica raramente aparece em forma impressa. Ela vive nos púlpitos, nos manuscritos de sermões, e em ministérios em áudio e vídeo da tradição cristã afro-americana.

Vamos deixar uma coisa bem clara: a tradição cristã negra não é e nunca foi monolítica, mas é arrazoado dizer que a tradição da igreja negra é, em sua maior parte, ortodoxa quanto a sua teologia, no sentido de que crê em muitas das coisas em que todos os cristãos costumam crer. Essa ortodoxia se reflete nas declarações de fé de três das maiores denominações negras: a Convenção Batista Nacional, a Igreja de Deus em Cristo (COGIC, na sigla em inglês) e a Igreja Metodista Episcopal Africana (AME).² Não obstante, teólogos e escritores negros que adotam esses credos por vezes se veem no lugar do OutKast no prêmio *Source*. Somos lançados no meio de uma batalha entre progressistas brancos e evangélicos brancos e nos sentimos separados de ambos em diferentes aspectos. Quando voltamos os olhos para nossas irmãs e nossos irmãos progressistas afro-americanos, concordamos com eles em várias questões. Em outras ocasiões, temos um sentimento estranho de dissonância, de estar em casa mas longe de casa. Portanto, recebemos críticas de todos os lados, pois somos algo diferente, um quarto elemento.³ Chamo

²Ver a declaração de fé da Igreja de Deus em Cristo em <www.cogic.org/about-company/statement-of-faith>. A declaração de fé da Convenção Batista Nacional se encontra em <www.nationalbaptist.com/about-nbc/what-we-believe>. O credo da Igreja Metodista Episcopal Africana é apresentado em <www.ame-church.com/our-church/our-beliefs>.

³Como ficará evidente no próximo capítulo, não argumento que a tradição progressista negra exista fora da igreja negra. São uma única manifestação. Permanecem como parte constante do diálogo exterior a nossas comunidades sobre a natureza da fé negra.

esse quarto elemento teologia eclesiástica negra, e seu método, interpretação eclesiástica negra. Não proponho uma nova ideia ou um novo método, antes procuro articular e aplicar uma prática que já existe.

Desejo argumentar que esse quarto elemento, essa interpretação assumidamente negra e ortodoxa da Bíblia, tem uma mensagem relevante para os cristãos negros de hoje. Quero defender a ideia de que os mais excelentes instintos da tradição da igreja negra — sua defesa pública da justiça, sua valorização do corpo e da alma negros, sua visão de uma comunidade de fé multiétnica — podem ser expressos de forma concreta por aqueles que se encontram no centro dessa tradição. Essa é uma ação contra o cinismo de alguns que duvidam que a Bíblia tenha algo a dizer; é uma ação a favor da esperança.

A fim de explicar como concluí que a tradição eclesiástica negra tem uma mensagem para nossa época, gostaria de conduzir o leitor por um rápido *tour* das comunidades exegéticas que conheço. Embora minha discussão talvez pareça se basear apenas em observações pessoais, ainda assim é arraigada em interações de longa data com estudiosos e pastores de cada tradição. Um estudo completo e nuançado seria tema para um livro inteiro, mas espero que, mesmo ao tecer críticas, tenha evitado caricaturas. Essa introdução preparará o cenário para o trabalho mais construtivo que ocupará a maior parte deste livro.

Progressistas, evangélicos e estudantes negros

No primeiro dia de faculdade, deparei com uma sala cheia de alunos brancos. Antes disso, tudo havia sido negro: igreja, vizinhança, escola e times esportivos. Minha universidade, em contrapartida, parecia ser 98% branca. Quando concordei em me matricular, sabia que era uma instituição majoritariamente branca. No entanto, os recrutadores me disseram que o desconforto cultural era um pequeno preço a pagar pelo ensino de alto nível. Que argumentos contrários eu poderia apresentar? Era apenas um adolescente, esforçando-me para encontrar meu rumo na terra desconhecida do ensino superior.

Resolvi fazer um bacharelado com ênfase em história e ciências da religião, pois esses dois assuntos, a história de meu povo e a fé cristã, ocupavam o centro de minha identidade. Tinha lido por própria conta sobre

a vinda dos africanos para o continente americano, sobre a escravidão, a Guerra Civil, a reconstrução, o renascimento do Harlem, o movimento de direitos civis e a epidemia de *crack*. Mas queria saber mais. Precisava entender como havíamos chegado aonde estávamos e discernir como as lições da história poderiam me ajudar a encontrar um rumo para seguir em frente. E, o que era ainda mais premente, considerava que essa fosse uma história que precisava ser contada. Ao mesmo tempo, era cristão e havia sido ensinado a amar Jesus e as Escrituras. Queria ir além de respostas simples para perguntas difíceis. Queria ser desafiado e levado a entender minhas crenças, bem como as de outros. Em vez de escolher, resolvi correr atrás do melhor de dois mundos. Meu plano era estudar Bíblia e história. Quando cheguei ao final do segundo ano de faculdade, porém, só uma delas ainda estava em pé.

Todo aluno dedicado que experimenta pela primeira vez a chamada alta crítica bíblica se sente, inevitavelmente, um tanto perdido. Coisas que antes eram simples se tornam muito mais complicadas. Como conciliar os dois relatos da Criação em Gênesis? Como tratar das diferenças entre os Evangelhos? Como fazer Paulo e Tiago dialogarem um com o outro de uma forma que nos permita ouvir as duas vozes? O que fazer com Apocalipse? E quanto à violência no Antigo e no Novo Testamento e às passagens que fazem nossos ouvidos tinar?

Aprender sobre a Bíblia muda nossa fé (e, esperamos, a amadurece e aprofunda). Muita coisa depende daquilo que o professor em sala de aula procura fazer. Esse indivíduo não é nosso pastor; não é sua função ser cauteloso. Alguns se esquivam dos problemas e dizem que as dificuldades não são assim tão difíceis. Outros os enfrentam e traçam um caminho que os leva até o outro lado. Outros ainda têm um objetivo específico: a desconstrução.

Em minha primeira matéria bíblica, ingressei sem saber na guerra de cem anos entre evangélicos brancos e protestantes históricos brancos. Meus professores simpatizavam com estes últimos. Seu objetivo era livrar seus alunos do fundamentalismo branco que, a seu ver, era a causa dos males que assolavam o sul dos Estados Unidos. A versão aprimorada do sul era a igreja progressista dos protestantes históricos brancos. Ao que parece, para eles um sul progressista só seria possível quando rejeitássemos a centralidade da Bíblia em troca de algo mais *fundamental*, a saber, o consenso protestante histórico branco sobre política, economia e religião. Minha impressão era de que acreditavam que “as velhas histórias” e “os velhos

deuses” eram proveitosos como narrativas para inspirar reflexão, mas não tinham como competir com as novas ideias transmitidas a nós por meio das declarações mais recentes dos intelectuais ocidentais. Nessa narrativa, os alunos negros não aparecem, verdadeiramente, como *agentes*. Somos o objeto de ações, e nosso sofrimento serve para exemplificar os males do fundamentalismo branco.

Meus professores tinham sua parcela de razão. Não é preciso se aprofundar muito na história para ver que os cristãos fundamentalistas no sul (e no norte) certamente fizeram grande mal aos negros. Usaram a Bíblia para justificar seus pecados pessoais e coletivos. Existe, porém, um segundo testemunho, possivelmente mais importante que o primeiro. É o testemunho dos cristãos negros que viram *nessa mesma Bíblia* a base para sua dignidade e esperança em uma cultura que, muitas vezes, lhes negou ambas. Meu professor, em sua tentativa de tirar a Bíblia dos fundamentalistas, também privou o cristão negro da rocha que o sustentava.⁴

Minha impressão era de que havia algo de errado nessa abordagem. Se as Escrituras eram fundamentalmente falhas e, em grande medida, inúteis sem a revisão de texto feita pelos protestantes históricos, então *o cristianismo era, verdadeiramente, religião do homem branco*. Estavam reconstruindo-a sem meu consentimento. Ademais, a forma dessa religião reconstruída portava a imagem do intelectual europeu do século 20.

Se é necessário rejeitar a Bíblia para libertar os cristãos negros, essa perspectiva parece deixar implícito que os fundamentalistas interpretaram a Bíblia corretamente. Tudo o que os racistas fizeram contra nós tem, portanto, forte justificação bíblica. A vitória de meu professor se parecia demais com a derrota de minha mãe. Ela havia explicado repetidamente para mim que os racistas não eram bons intérpretes da Bíblia, e que nós a estávamos interpretando corretamente quando víamos nos textos bíblicos que descreviam o valor de todas as pessoas uma confirmação da dignidade negra. A discussão acadêmica em sua totalidade havia sido elaborada e conduzida sem nenhuma consideração pelo testemunho negro. Eu era vítima da guerra de outra pessoa.

⁴Deixaremos de lado, por ora, o fato de que, embora eu aceite elementos da alta crítica, não considero convincentes todos os argumentos e conclusões de meus professores. Registrar essas divergências, contudo, geraria um livro de caráter diferente deste.

No fim das contas, essa guerra não me pareceu muito interessante, e decidi concentrar meus esforços no estudo de história. Abandonei as matérias de religião, não porque desafiavam minha fé com perguntas difíceis, mas porque não faziam *as perguntas difíceis certas*.⁵ Não obstante, as perguntas levantadas naquelas aulas me encaminharam em uma jornada que, por ironia, me levou de volta a temas associados à Bíblia e a sua relação com a cultura negra.

A outra solução oferecida na universidade era o mundo evangélico que meus professores e outros haviam me instruído a evitar. Advertiram-me de que os evangélicos eram herdeiros dos fundamentalistas e que não eram dignos de confiança. Meu contato inicial com os evangélicos foi positivo. Falavam da Bíblia de uma forma que tinha pontos em comum com a igreja negra. Sua ênfase nas Escrituras me lembrou da tradição que havia me formado. Tendo em conta que *evangélico* significa coisas diferentes para pessoas diferentes, é importante esclarecer a que me refiro com esse termo. Muitos aceitam a definição do historiador David Bebbington como bom ponto de partida. Ele descreve quatro características:

- Conversionismo: a crença de que a vida precisa ser transformada por uma experiência de “novo nascimento” e pela caminhada com Jesus, processo que se estende ao longo de toda a vida.
- Ativismo: a expressão e demonstração do evangelho em trabalhos missionários e de reforma social.
- Biblicismo: elevada consideração pela Bíblia e obediência a ela como autoridade suprema.
- Crucicentrismo: ênfase no sacrifício de Jesus Cristo na cruz como o ato que possibilitou a redenção da humanidade.⁶

É de conhecimento geral que, em se tratando das crenças sobre a Bíblia e sobre a teologia cristã de modo mais amplo, os evangélicos e as igrejas

⁵Veja o capítulo sobre fúria dos negros para exemplos das perguntas que tenho em mente.

⁶David BEBBINGTON, *Evangelicalism in Modern Britain: A History from 1730s to the 1980s* (London: Routledge, 1989), p. 1-17. Veja também Mark NOLL, *The Rise of Evangelicalism* (Downers Grove: IVP Academic, 2003), p. 17-20.